

*Norberto Ávila*

*As Viagens  
de Henrique Lusitano*



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

NORBERTO ÁVILA

agosto 1923



# AS VIAGENS DE HENRIQUE LUSITANO

Narrativa dramática em 2 partes

(Versão para marionetas)

AS VIAGENS  
DE  
HENRIQUE LUSTIANO

1.ª Edição: Maio 1991

Tiragem: 1 500 exemplares

Capa de: Norberto Ávila

Edição: SPA — Av. Duque de Loulé, 31 — Lisboa

Impressão: Óptima Tipográfica — Casais da Serra — Malveira

Distribuição: CDL — Central Distribuidora Livreira

Depósito Legal: 24355

## PERSONAGENS

HENRIQUE LUSITANO — escudeiro de príncipes e reis,  
inveterado viajante.

INFANTE D. HENRIQUE (jovem e depois, homem feito) —  
filho do Rei D. João I de Portugal.

FREI AMADEU — franciscano

SIBILA EURISMÉNIA

GIL EANES, CRISTÓVÃO COLOMBO,

BARTOLOMEU DIAS, VASCO DA GAMA,

PEDRO ÁLVARES CABRAL — navegadores

D. JOÃO II, D. MANUEL I — Reis de Portugal

ZAMZAM — negro muçulmano

AMORÍNDIA (aliás PATRAGALI) — bailadeira hindu

UM MÉDICO JUDEU

UM ÍNDIO BRASILEIRO

LUÍS DE CAMÕES — poeta

Marinheiros, Cortesãos

A acção decorre em Portugal (Algarve e Lisboa) e a bordo de caravelas e naus em viagem no Atlântico e no Índico, entre o 1.º quartel do séc. XV e o 1.º quartel do séc. XVI.

## I PARTE

*(Ao lado direito da cena, grande, em recorte, a cabeça do Infante D. Henrique, tal como aparece nos célebres painéis de Nuno Gonçalves. Será figura tutelar de toda a representação.*

*Entra o jovem Henrique Lusitano. Pelo traço, dir-se-ia um escudeiro do século XV, talvez um marinheiro da mesma época, se não ambas as coisas).*

LUSITANO — O meu nome é... Depois, muito em breve o sabereis. Porque agora me cumpre apresentar esses dois personagens que passeiam, lado a lado. *(E entram os ditos personagens.)* Um deles, aquele mais novo, há-de ser figura ilustíssima deste Reino de Portugal... *(toque de trompeta)*... da Europa... *(toque mais forte)*... e do Mundo! *(Toque ainda mais forte)*. Não traz ainda o austero hábito da Ordem de Cristo, mas é seguramente o Infante D. Henrique *(e aponta o retrato)*, filho de El-Rei D. João I e de sua mulher D. Filipa de Lencastre. E o outro... é Frei Amadeu, franciscano, que muitas vezes o acompanha em longos passeios à beira-mar. *(Pausa)*. Isto aqui é a praia do Restelo, à entrada do porto de Lisboa, onde bastante mais tarde o venturoso Rei D. Manuel I mandará construir o imponente e formosíssimo Mosteiro dos Jerónimos. *(Imagem projectada)*. Desde a idade dos 14 anos que D. Henrique mantém casa à parte — tal como seus irmãos D. Duarte (o futuro Rei) e D. Pedro (o

infatigável viajante das Sete Partidas). (*Pausa*). Com pouco mais de 20 anos, este excelente príncipe acaba de regressar da tomada de Ceuta aos Mouros. Estamos portanto no Ano do Senhor de 1415. (*Pausa*). Depois da vitoriosa batalha (vitoriosa para os Portugueses), o pai armou-o cavaleiro (*imagem: espada sobre um ombro de cavaleiro*), tal como os irmãos D. Duarte e D. Pedro, na mesquita maior da cidade, a qual foi sagrada como templo cristão. (*Imagem: uma mesquita. Na cúpula, o crescente, substituído pela cruz*). De tal maneira se desempenhou D. Henrique na tomada de Ceuta que, de regresso a Portugal, o glorioso D. João I já lhe concedia os títulos de Duque de Viseu (*faz vénia*) e Senhor da Covilhã (*idem*). Mas ouçamos o que dizem os passeantes.

D. HENRIQUE — Preocupa-me sobremaneira a sorte dos pagãos, naquelas terras de África. Muitos haverá, certamente, homens de boa vontade a quem a Verdade nunca foi anunciada.

FREI AMADEU — Fora da Igreja não há salvação possível, Senhor Infante.

D. HENRIQUE — Pois até agora, Frei Amadeu, nenhum deles entrou no Céu? Como puderam eles ser eternamente condenados por uma Verdade que nunca lhes foi revelada?

FREI AMADEU — Perderam-se todos! Hão-de perder-se todos... se entretanto não forem convertidos à nossa Santa Religião!

LUSITANO (*aos espectadores*) — Destas e outras preocupações juvenis tive eu notícia bastante mais tarde.

Mas não nos precipitemos. Ainda não vos disse o meu nome. Não tardarei a apresentar-me devidamente, como pessoa civilizada. Vejamos, no entanto, a ordem dos acontecimentos.

D. HENRIQUE — Se Deus — como diz São Paulo — quer que todos os homens se salvem...

*(Ouve-se o vagido duma criança).*

FREI AMADEU — Escutai...

D. HENRIQUE — ... terá de conceder a todos os meios indispensáveis...

FREI AMADEU — Em termos bastante terrenos... creio que Deus nos concederá a graça...

D. HENRIQUE — ... de salvarmos um recém-nascido...?

FREI AMADEU — Vós o dissestes.

D. HENRIQUE — *(apontando um pedregulho na praia)* — Dali vem o choro da criança.

FREI AMADEU — *(com um gesto largo, caminhando naquela direcção)* — *Vade retro!*

*(E, misteriosamente, o pedregulho desliza para o lado contrário, deixando a descoberto uma alcofinha de folha de palma, em que está deitado um bebé).*

D. HENRIQUE — É um menino.

LUSITANO — *(à parte)* — Puro pressentimento. Por acaso, acertado.

FREI AMADEU — É que ainda não verificámos...

D. HENRIQUE — Nem é preciso. Pela potência da voz...

*(O Infante pega na criança ao colo).*

LUSITANO — *(aos espectadores)* — Sou eu. Uma linda criança, por sinal. Devo ter apenas alguns dias de existência.

FREI AMADEU — *(depois de lhe fazer festas com a mão)*  
— Mas quem poderão ser os pais do criançaço?

D. HENRIQUE — Tem bom aspecto. Bem vestidinho. Mas numa alcofinha, abandonado?

FREI AMADEU — E é que, com o subir da maré, iria certamente levado pelas ondas.

D. HENRIQUE — Moisés: poderia ser o nome.

FREI AMADEU — E, como não sabemos quem são os pais e para que não fique sem nome de família, poderíamos acrescentar-lhe: Salvo-das-Águas.

LUSITANO — *(aos espectadores)* — Não gostei do nome de baptismo. Menos ainda do restante, formando pleonasma. E desatei num berreiro...

*(Chora o menino a plenos pulmões).*

LUSITANO — Mais: protestei ainda de maneira mais irreverente.

*(O bebé faz um chichi prolongado e abundante).*

D. HENRIQUE — *(endossando-o ao frade)* — Tomai-o lá, Frei Amadeu, que está a verter águas.

FREI AMADEU — *(aceitando-o)* — E serei eu ama-seca, Senhor? *(Para o bebé)*. Pssst, pssst, pssst. *(Para o Infante)*. Bem lhe poderíamos chamar Pancrácio, honrando assim o glorioso mártir, neste seu dia de festa.